
NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA ANTROPOLOGIA NO BRASIL*

Sílvio Coelho dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil

Resumo: *A antropologia brasileira tem diferentes marcos e, também, diversos heróis fundadores. Destaco a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, por ter possibilitado a contratação, entre outros, dos professores Claude Lévi-Strauss, Radcliffe-Brown, Donald Pierson e Emílio Willems, que foram, junto com Herbert Baldus, responsáveis pela inspiração e formação de profissionais como Darcy Ribeiro, Egon Schaden, Florestan Fernandes e Roberto Cardoso de Oliveira. Fora deste contexto, lembramos Curt Nimuendajú, o maior de nossos etnógrafos, e Gilberto Freyre e Eduardo Galvão, este último o primeiro brasileiro a obter o PhD em Antropologia. A Antropologia Social como entendemos hoje, cresce e se afirma como campo de conhecimento, a partir da Reforma Universitária de 1970, com a generalização dos programas de Pós-Graduação. Roberto Cardoso de Oliveira teve, antes deste momento, a iniciativa de implantar no Museu Nacional (RJ), um extenso Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, cuja primeira experiência ocorreu ainda como especialização, em 1960. Na Região Sul, o desenvolvimento da Antropologia, a partir dos anos cinquenta, teve suas especificidades. Dois médicos e um padre foram os primeiros catedráticos da disciplina.*

Abstract: *Brazilian anthropology has diverse founding heroes and landmark moments. The founding of the University of São Paulo should be counted as an important moment for having permitted the contracting of, among others, Lévi-Strauss, Radcliffe-Brown, Donald Pierson and Emilio Willems who, together with Herbert Baldus, were responsible for the formation of professionals such as Darcy Ribeiro, Florestem Fernandes, Egon Schaden and Roberto Cardoso de Oliveira. Aside from this context, we should remember Curt Nimuendaju, our greatest ethnographer, Eduardo Galvão*

* Estas “Notas” foram apresentadas na Mesa *A Construção da Antropologia no Cone Sul*, integrante da programação da V da ABA-SUL, que se realizou em Tramandaí, RS, entre 12 e 15 de setembro de 1995. Antes de iniciar sua exposição, o Autor solicitou ao plenário um minuto de silêncio em homenagem aos Profs. Thales de Azevedo (Bahia) e Florestan Fernandes (S. Paulo), heróis-fundadores, falecidos no decorrer deste ano.

(the first Brazilian to earn a Ph.D. in Anthropology) and Gilberto Freyre. Anthropology as we know it grew and became consolidated as of the 1970 university Reform with the spread of graduate school programs. Before this, Roberto Cardoso de Oliveira took the initiative of implanting in the Museu Nacional (RJ) an extense Program for Graduate Studies in Social Anthropology, producing the first course in “specialization” in 1960. In the Southernmost part of Brasil, the development of Anthropology, from the 1950’s on, was marked by certain specificities, the first teachers of the discipline being two doctors and a priest.

1. Mariza Corrêa (1988), em seu artigo “Traficante do Excêntrico – os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos 60”, diz que “cada antropólogo que conta sua história pessoal relembra como veio de um outro campo de saber, de uma outra região do país, ou de outro, ou como perdeu qualquer outra referência inicial que possuía. Conta, em suma, como é desenraizado, um excêntrico” (Corrêa, 1988, p. 79). Tal colocação é feita como um complemento ao início do texto, quando a autora afirma: “Talvez seja uma ironia adequada a esta disciplina que se quer uma ciência do outro que ela tenha criado, em quase toda a parte, tradições antropológicas nacionais fundadas por estrangeiros: Franz Boas nos Estados Unidos, Curt Nimuendajú no Brasil, Bronislaw Malinowski na Inglaterra” (Corrêa, 1988, p. 79).

2. Florestan Fernandes (1975) ensina que a Antropologia se desenvolveu no Brasil, através, principalmente, de obras e publicações de pesquisadores estrangeiros (Florestan refere-se especificamente à Etnologia).

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1989) observa que “as ciências só passaram a ser ensinadas sistematicamente com a organização de cursos superiores específicos em 1933 (Escola Livre de Sociologia e política de São Paulo), e, depois, em 1934, com a criação da Universidade de São Paulo”. Acrescento, informando que a Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro) também foi criada nesta mesma época (1934). Vamos pois, para o propósito desse resgate de memória tomar como marco-fundadores da Antropologia a instalação dessas instituições.

3. Adianto, num primeiro momento, que a instalação da Universidade de São Paulo, no contexto da revolução constitucionalista de 1932, permitiu a contratação de diversos professores, entre eles Donald Pierson. Radcliff-Brown, Lévi-Strauss, Emílio Willems, Roger Bastide e Herbert Baldus. Muitos

desses professores ministraram cursos na Escola de Sociologia e Política, e foi aí que os primeiros antropólogos brasileiros foram formados. Destaco (1) Darcy Ribeiro, atraído por Donald Pierson, em Belo Horizonte, onde fora fazer uma palestra para estudantes. Darcy estava desencantado com o curso de Medicina e seguiu para S. Paulo para frequentar a Escola de Sociologia e Política; (2) Florestan Fernandes, que sob a orientação de Herbert Baldus começou fazendo estudos sobre a o folclore paulista e depois iniciou os estudos de etno-história sobre os Tupinambá; (3) Egon Schaden, que depois de iniciado por seu pai, Francisco Schaden, um autodidata, teve sua formação antropológica também sob a supervisão de Baldus. Foi no âmbito dessas duas instituições que os primeiros “estudos de comunidade” foram realizados, iniciando uma tradição de compreensão da realidade rural brasileira que durou por muitos anos, embora seus realizadores acabassem por se identificar mais com a Sociologia do que com a Antropologia.

4. Na Universidade do Distrito Federal (depois denominada do Brasil e, hoje UFRJ), a cadeira de Antropologia Social e Cultural foi inicialmente ocupada por Gilberto Freyre (entre 1935 e 36). Arthur Ramos ocupou primeiro a cadeira de Psicologia Social. Mais tarde, porém, assumiu a cadeira de Antropologia, quando se instalou a Faculdade Nacional de Filosofia (1939). Arthur Ramos sempre manteve relações estreitas com o Museu Nacional (RJ), onde na realidade se desenvolviam as atividades de pesquisa de maior representatividade para nossa disciplina.

5. Nossos “pais fundadores”, portanto, para não faltar à tradição iniciada por Boas (EUA) e Malinowski (Inglaterra) foram em maioria estrangeiros. Aos já referidos Pierson, Lévi-Strauss, Willems, Radcliff-Brown, Bastide e Baldus, deve-se agregar o nome de Curt (Unkel) Nimuendajú. Este último alemão de origem, migrou para o Brasil e acabou vinculando-se ao SPI. No exercício de tarefas de indigenista, transformou-se no primeiro e mais importante etnógrafo “brasileiro”.

Entre os nacionais, cabe destacar os papéis de Gilberto Freyre (Pernambuco/Rio de Janeiro), Arthur Ramos (Bahia/Rio de Janeiro), Edison Carneiro (Bahia), neste processo de afirmação da Antropologia como uma disciplina acadêmica. Vale dizer também do distanciamento existente entre os dois principais centros urbanos e universitários do país, Rio de Janeiro e São Paulo. As comunicações eram difíceis e só raramente havia algum evento que permitia o encontro desses primeiros profissionais.

6. Papéis importantes foram exercidos pelo Museu Nacional (RJ) e pelo Museu Paulista (SP). Essas instituições sempre favoreceram o exercício da atividade científica em particular abrigando e facilitando os projetos de pesquisadores nacionais e estrangeiros. Castro Faria, por exemplo, foi acompanhante de Lévi-Strauss na célebre expedição ao Mato Grosso.

7. Ressalto, num parêntesis, que o corte que estou dando focaliza o desenvolvimento da Antropologia a partir da instalação da instituição universitária no Brasil. Não estou levando em conta, para os propósitos desta palestra, outros “heróis fundadores”, que podem ser referidos. Eles existem: Gonçalves Dias e a escola indianista; Nina Rodrigues e seus estudos precursores sobre as religiões afro-brasileiras; Euclides da Cunha e sua tentativa de tentar teorizar o Brasil. Poder-se-ia falar também de viajantes, de naturalistas, enfim de outras tradições que poderiam ser arroladas como importantes no nosso passado. Não é o caso.

8. Falando dos primeiros antropólogos brasileiros, cabe ressaltar que Florestam Fernandes obtém seu grau de doutor na Faculdade de Filosofia, USP, em 1951, com tese “A Função da Guerra na Sociedade Tupinambá”. O inspirador dessa tese foi Herbert Baldus. Por esta época, Darcy Ribeiro atuava no Serviço de proteção aos índios. Eduardo Galvão estava concluindo seu Doutorado nos EUA. Roberto Cardoso de Oliveira terminava seu curso de Filosofia na USP. Esses três antropólogos tornaram-se fundadores de um tipo particular de Antropologia, que podemos denominar de Antropologia Ação, ao se incorporarem à Divisão de Estudos e Pesquisas do Serviço de Proteção aos índios (SPI), Darcy logo criou um curso com o objetivo de formar novos indigenistas. Paralelamente Darcy se envolveu com a formação de novos pesquisadores educacionais, no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), órgão integrante do Ministério de Educação e Cultura. Num outro parêntesis, cabe dizer que o mestre Luiz de Castro Faria iniciou sua carreira como voluntário no Museu Nacional (MN) e fez seu primeiro concurso, para o cargo de naturalista, em 1944. Eduardo Galvão também se iniciou da mesma forma, começando como voluntário no MN, em 1939. Schaden frequentou a Faculdade de Filosofia da USP e, depois, sucedeu Baldus, tornando-se responsável pelo encaminhamento para o doutorado de diversos antropólogos. Poderíamos dizer que aí estava a segunda geração de antropólogos brasileiros. A primeira seria formada pela velha estirpe de autodidatas (Arthur Ramos por exemplo) e outros tantos estrangeiros que se radicaram no Brasil, entre eles Herbert Baldus e Curt Nimuendajú.

9. Foi nesse momento, 1953, que foi criada a Associação Brasileira de Antropologia. Castro Faria foi eleito Presidente. Darcy Ribeiro, Secretário e Roberto Cardoso de Oliveira, Tesoureiro.

10. Foi com base nessas experiências que Roberto Cardoso criou no Museu Nacional/RJ, em 1960, um curso de especialização em antropologia Social. Mais tarde (1966), este curso se transformou em Mestrado (PPGA-MN). A terceira geração de antropólogos estava em formação. Eram da primeira turma entre outros, Roberto Da Matta, Roque Laraia e Alcida Ramos; da segunda turma Júlio Cesar Mellad, Maria Andrea Loyola e Marcos Magalhães Rubinger, da terceira turma, Cecília Helm, Stela Amorim e Silvio Coelho dos Santos. São ainda da década de 60, dois importantes livros editados respectivamente por Roberto Cardoso de Oliveira (*O índio e o mundo dos brancos*, 1964) e por Darcy Ribeiro (*Os índios e a civilização*, 1970). Oliveira, em sua obra, formula a teoria da fricção interétnica, enquanto Darcy Ribeiro propõe a sua explanação sobre a “transfiguração étnica”, processo pelo qual povos indígenas sobreviventes fariam sua inserção na sociedade nacional.

11. O modelo do PPGAS-MN foi gradativamente adotado por outras instituições. RCO foi convidado a implantar um PPGAS na Universidade de Brasília, 1968. A reforma universitária de 1970 estimulou a Pós-Graduação. Em diversas universidades surgiram, primeiro, cursos de especialização, que depois se transformaram em curso de mestrado. A USP, que mantinha um sistema de doutorado baseado no modelo francês, também se adaptou a nova legislação. Cursos de doutorado regulares junto a programas formais de pós-graduação se instalaram gradativamente no MN, UNB, USP e UNICAMP. E mais recentemente, na UFRGS e na UFF. Outras instituições planejam implantar também cursos de doutorado, como forma de dar terminalidade aos seus mestrados, entre elas a UFSC, a UFBA, a UFPer e a UFFa. Na PUC/SP há anos funciona um PPG em Ciências Sociais, com possibilidade de opção para a área de Antropologia. A ABA se revitalizou. Tornou-se uma associação reconhecida, atuante. Tem no momento (1995) cerca de 600 sócios e realiza periodicamente reuniões regionais e nacionais.

12. Uma questão incontestável é a de que a Antropologia se firmou e expandiu durante o período autoritário militar (1964/80). Parece um paradoxo, a repressão dificultava o trabalho com os povos indígenas – a área de maior visibilidade até então de nossa ciência – e a o mesmo tempo ocorria a implementação de Programas de pós-graduação, expansão do número de alunos

e realização de pesquisas em áreas novas; consideradas “perigosas”. Luiz Eduardo Soares, num instigante artigo (JB, 29/3/94), diz que “Conhecer de perto, observar, dialogar e conviver com grupos sociais excluídos dos benefícios do crescimento econômico parecia, nos anos 70, uma estratégia extremamente atraente para os estudantes dispostos a redescobrir o Brasil. Este país tão sistematicamente refratário às explicações generalizantes das grandes teorias”. E adiante “[...] em certo sentido, pode-se dizer que a antropologia pautou parcela significativa da agenda futura do Brasil redemocratizado, juntamente na medida em que teve sensibilidade para deixar-se pautar pela dinâmica criativa da própria sociedade brasileira”.

13. No sul do Brasil a Antropologia se desenvolveu tendo suas especificidades. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da UFPr, nos anos cinquenta, o médico José de Loureiro Fernandes exercia as funções de catedrático de Antropologia. Na mesma Faculdade, na Universidade do Rio Grande do Sul, a disciplina de Etnografia e Línguas Indígenas eram ministradas pelo padre Balduino Rambo, desde 1943. Em Florianópolis, o médico Oswaldo Rodrigues Cabral foi um dos Fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1954, e logo indicado como responsável pela cadeira de Antropologia Cultural. A Faculdade era inicialmente privada. O surgimento da Universidade Federal de Santa Catarina só ocorreu em 1960, quando Oswaldo Cabral foi indicado para a cadeira de Antropologia Física e Cultural.

14. Os finais dos anos cinquenta e início de sessenta foram de efervescência para o que se então denominava área da antropologia e que envolvia, em regra, a disciplina de Antropologia Cultural, Etnografia Geral e do Brasil, Antropologia Física e Arqueologia. A tônica era de que os “catedráticos” eram autodidatas e católicos. Teilhard de Chardin havia publicado uma explicação da teoria da evolução das espécies, com aval do Vaticano. Isto motivou, ou, pelo menos permitiu que alguns religiosos se envolvessem na pesquisa arqueológica. O Padre Alfredo Rohr, um jesuíta, fundou em Florianópolis o Museu do Homem do Sambaqui. No Rio Grande do Sul, o Padre Ignácio Schmitz também se iniciava nas pesquisas arqueológicas. Uma missão francesa, coordenada pela Profa. Anette Laming-Emperaire promoveu um curso de especialização em Arqueologia em Associação com a UFPR, no Museu Arqueológico de Paranaguá. Walter Piazza, assistente de Oswaldo Cabral, foi um dos que realizou o curso e logo iniciou um projeto de mapeamento dos

sítios arqueológicos em Santa Catarina. Creio que Igor Schimz, da UFPr, também se iniciou como arqueólogo com a Profa. Anett. Um programa de estudo de sítios arqueológicos brasileiros, formulado pelo Smithsonian Institution (USA), veio de encontro a esses esforços iniciais. Tenho como certa a impressão de que este foi o setor da Antropologia que mais cresceu naquele momento.

15. Ainda nos anos cinqüenta, Loureiro Fernandes (UFPr) se envolveu com o processo de identificação e aproximação dos índios Xetá, um grupo tupi-guarani que se julgava extinto e que fora localizado no norte do Paraná, em plena área de expansão da frente cafeeira. Daí resultou um dos mais significativos documentários cinematográficos sobre uma tribo indígena até então. Loureiro foi auxiliado nessa tarefa pelo fotógrafo e cinematografista Wladimir Kozak.

16. Em função da repercussão conseqüente das pesquisas arqueológicas e da aproximação com os Xetá, Loureiro Fernandes logrou organizar a cadeira de Antropologia, contando com assistentes e adequadas instalações. Oswaldo Cabral, em 1967, conseguiu transformar a cadeira de Antropologia, num Instituto de Antropologia. No Rio G. do Sul, a UFRGS deu base para que formasse o Instituto Anchietano de Pesquisa, voltado para a pesquisa arqueológica, sob a liderança de Pe. Ignacio Schmitz, que tornou-se catedrático da UFRGS, substituindo Balduino Rambo. Sergio Teixeira iniciou-se na UFRGS como auxiliar de ensino de Antropologia, 1962.

17. Como vimos, uma nova geração de antropólogos começou a se formar nos anos sessenta. Cecília Helm (UFPr) e eu realizamos cursos de especialização com Roberto Cardoso de Oliveira, no Museu Nacional, entre 1962/63. Em seguida, iniciamos projetos de pesquisa com populações indígenas no Paraná e Santa Catarina. Ainda em Santa Catarina, Anamaria Beck especializou-se em Arqueologia. Marcílio Dias dos Santos cumpriu estágio no Museu Nacional e, depois, seguiu para o México, onde estudou com Rodolfo Stavenhagem. Giralda Seyferth foi estimulada por Cabral para obter formação em Antropologia Física, no Museu Nacional.

Nos anos setenta, a reforma universitária criou condições para expansão da disciplina. A cátedra desapareceu, surgiram Departamentos, mas nenhum deles de Antropologia exclusivamente. Outros problemas apareceram, de tal sorte que se novas oportunidades surgiram para contratar novos docentes, a pesquisa foi bastante atingida pois, agora, o número de aulas atribuído aos professores era enorme.

Pesquisa, só nas férias. Mesmo assim, foi nesta década que se criaram cursos de especialização em Antropologia Social nas três universidades federais, situadas nas capitais do sul do país. Os mestrados foram consequência desses cursos de especialização. A década de oitenta, testemunha a presença de três mestrados em Antropologia Social no sul do país. Um deles, o da UFRGS, já com doutorado. O da UFSC realiza estudos, no momento, também para a viabilização para doutorado. Os grupos de professores se consolidaram, assegurando continuidade de pesquisas, a abertura de novas áreas de interesse e de formação de novos recursos humanos. Uma quarta geração de antropólogos se formou.

A afirmação da Antropologia enquanto área de conhecimento no sul do país é testemunha, de forma eloqüente, por todos nós nesta 5ª Reunião de Antropologia, aqui em Tramandaí, seja pela expressiva e densa programação, seja pela presença maciça de participantes e pela adesão tão significativa de nossos colegas dos países vizinhos, Uruguai, Argentina, Paraguai e Chile. Podemos concluir, pois, dizendo que o estado da arte é bastante promissor.

Referências

- CORRÊA, M. Traficante do Excêntrico – os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos 60. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 3, n. 6, p. 79-98, fev. 1988.
- FERNANDES, F. *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- OLIVEIRA, R. C. de. *O índio e o mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Desenvolvimento das ciências sociais na América Latina e contribuição européia: o caso brasileiro. *Revista Ciência e Cultura*, v. 41, n. 4, p. 378-388, abr. 1989.
- RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.